

O LUGAR DA ARTE URBANA E DA CRIATIVIDADE NA REALIDADE DA JUVENTUDE DAS PERIFÉRIAS

Autora 1 (Vitória Cavalcante Maciel Lima)

Aluna do curso de Psicologia - Centro Universitário Fametro - Unifametro)

vitoria.lima01@aluno.unifametro.edu.br

Autora 2 (Ana Gabrielle Ferreira Da Silva Cavalcante)

Aluna do curso de Psicologia - Centro Universitário Fametro - Unifametro)

ana.cavalcante01@aluno.unifametro.edu.br

Orientadora (Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira)

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro)

zelfa.feitosa@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Políticas e Práticas em Saúde Mental.

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde.

Encontro Científico: XI Encontro de Iniciação à Pesquisa.

Introdução: A arte é definida a partir de um fenômeno artístico-cultural que é perpassado por diferentes discursos sociais, tem relação com o local e as atitudes de admiração (COLI, 1995). A concepção sobre a arte é datada, compreende uma percepção social e pessoal sobre o mundo. Por isso os vários movimentos artísticos que marcaram o globo terrestre como o expressionismo, fauvismo, cubismo, abstracionismo, dadaísmo, surrealismo, op art, pop art e modernismo são fonte de estudos e forte influência direta e indireta no cotidiano popular.

Para além das vanguardas europeias, acompanhando os movimentos de contracultura a arte periférica produzida às margens dos grandes centros urbanos grafites, pixos, artesanatos, quadrilhas, peças, performances, batalhas de rap e danças, músicas, produção audiovisual e mais outros. É com isso que através de um olhar decolonial, propõe questionar o que tem sido produzido e dirigido em terras brasileiras, que carrega igual valor simbólico, capaz de romper com os ditames imperialistas e as lógicas de dominação-submissão frente a violência nos principais centros urbanos do Ceará.

As cidades podem ser espaços de expressão de subjetividade daqueles que nela residem, onde ao mesmo tempo que se apropriam do espaço urbano, se apropriam de si mesmas (SILVA, 2014). Os contextos urbanos, que sempre foram locais de transformações e interações sócio-políticas, econômicas e culturais, estão permeados por uma teia complexa de

relações da qual a arte é parte constitutiva e construtora, podendo ser um importante agente estimulador e produtor de mudanças em uma sociedade (FREITAS, 2005). Nesse mesmo espaço urbano, a violência urbana é uma realidade e gera impactos na vida dos moradores, podendo ocasionar medo, angústia, revolta, desconfiança e conseqüentemente a perpetuação de um ciclo de práticas violentas. A arte pode ressignificar as relações com a cidade e experiências vivenciadas naquele espaço e promover transformações na vida desses sujeitos. Logo, o objetivo deste trabalho é entender o lugar da Arte Urbana ou Arte de Rua na realidade da juventude da periferia, explorar a relação dos jovens com a cidade e como isso influencia na arte que emerge nas periferias.

Metodologia: Seguindo os passos para uma revisão integrativa da literatura, foi realizada a busca com a delimitação das palavras-chave: Arte, Arte Urbana, Cidades e Territórios, Criatividade, Juventude e Periferia. Dando ênfase à temática escolhida, será utilizado como embasamento teórico deste trabalho autores Brasileiros e os resultados serão discutidos à luz dos estudos norteadores.

Resultados e Discussão: A arte entra no território como potencializador e purgador da dor humana. (ARISTÓTELES, 384-322). Assim as periferias que atravessam as cidades e metrópoles tem uma pulsão de vida acontecendo e assumem contra todos os preceitos o desafio de romper com as representações sociais sobre esses espaços.

Já a arte urbana busca romper com os espaços já solidificados onde são realizadas as intervenções e exposições artísticas, tais como teatros, bibliotecas e museus, para explorar a arte cotidiana, presente nas ruas e ocupar esses espaços tidos como não convencionais. A arte nas periferias urbanas é uma prática social. "Suas obras permitem a apreensão de relações e modos diferenciados de apropriação do espaço urbano, envolvendo em seus propósitos estéticos e trato com significados sociais que as rodeiam" (PALLAMIN, 2000). Resulta de explorar criativamente a cidade e seus muros, fachadas, portas, são recursos e suportes utilizados pelos artistas (CAMPOS, 2017).

Contudo, parte do campo de produção de arte ainda segue um pensamento eurocêntrico legitimado por instituições e que produzem a exclusão de determinados grupos sociais. Fato que sustenta a necessidade do movimento decolonial.

Por conseguinte, a criação de arte em territórios menos privilegiados, que estão fora dos circuitos dos mercados da arte, ou das políticas públicas culturais, torna-se mais que uma "contrapartida" para artistas e criadores, mas um meio de expansão e transformação social. Já

existem discussões sobre as produções em diferentes contextos, no entanto, o acesso à arte, sua potência criativa e as políticas de incentivo continuam limitados. (GUZZO, FEDERICI E LIBERMAN, 2020).

Entender a relação dos jovens com a cidade em que vivem é importante para compreender os arranjos urbanos contemporâneos e como eles ocupam seu espaço, pois:

[...] se não se começar a tentar entender qual a direção assumida pelos valores e modelos de comportamento que a cidade inventa, as formas ainda mais inovadoras e de vanguarda, a expansão ilimitada da cultura de massa, não se compreenderá nunca como serão os pontos de referência, as distorções das partes mais marginalizadas de qualquer país, e principalmente do Brasil (CANEVACCI, 2004, p. 41).

A ocupação do espaço é constituída a partir das vivências no dia a dia desses jovens, de seus processos de significação e subjetivação. “Há uma política da estética no sentido em que as novas formas de circulação da palavra, de exposição do visível e de produção dos afetos determinam novas capacidades, em ruptura com a antiga configuração dos possíveis” (RANCIÈRE, p.67, 2010). A resignificação das vivências nas periferias contribui para o rompimento de práticas estigmatizadas e cristalizadas que delimitam a forma como o sujeito experimenta a cidade e o ajuda a se libertar de padrões de alienação de individualização.

Em 2005, com a Política Nacional da Juventude iniciou-se o primeiro passo legal para a construção e validação dos direitos da juventude através da criação da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE). Depois de 7 anos, tem-se a aprovação do Estatuto da juventude pela Lei nº 12.852/2013, que além de delimitar a idade entre os 15 à 29 anos dispõe sobre os princípios e diretrizes de políticas públicas direcionado a essa população. Com vista a efetivação dessas leis e em busca de desconstruir a cultura de violência contra os jovens é criado o Plano Juventude Viva da união de diversas políticas públicas, estados, municípios e sociedade civil.

No Ceará, o Bolsa Jovem da prefeitura de Fortaleza, já em sua 3ª Edição, que foi criado a partir da Lei nº 10.885/2019, com o objetivo de garantir aos jovens de Fortaleza, em situação de vulnerabilidade, condições para o pleno desenvolvimento das suas habilidades individuais por meio da concessão de benefício financeiro, visando a redução das desigualdades e promovendo a inclusão juvenil.

É sintomático que tanto o portal "Participatório - Observatório Participativo da Juventude", desenvolvido pelo Governo Federal para reunir e gerar informações virtualmente de maneira interativa sobre essa população está fora do ar, e a "Estação Juventude" também criado com o objetivo de informar sobre as atividades desenvolvidas em cada região ou município esteja desatualizado.

Salvo alguns equipamentos que estão em atividade que reúne arte, cultura e lazer na periferia destinado ao público jovem como a Rede Cuca, o CCVJ e Casa AME vinculada ao Movimento de saúde mental enxergasse a importância de descentralizar os polos visto que a existe uma disputa de territórios que inviabiliza o acesso a esses equipamentos.

No Brasil, a maior expressão do investimento público em cultura é a Lei Rouanet, como ficou conhecida, que instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), cuja finalidade é a captação de recursos financeiros para os diversos setores culturais. Sendo assim, “a cultura precisa ser entendida pelas políticas públicas como direito dos cidadãos, sem confundi-lo com as figuras do consumidor e do contribuinte, enquanto o Estado deve assumir a postura de assegurado público de direitos, prestador sociopolítico de serviços e estimulador-patrocinador das iniciativas da sociedade.” (CHAUÍ, 2006). Dito isso, o financiamento cultural deve ser contínuo, tendo uma gestão estatal priorizando a regionalização dos espaços culturais com vista a democratizar o acesso à cultura e o protagonismo dos agentes culturais.

A arte é uma ferramenta que possibilita que o sujeito se comunique a partir da própria experiência humana, trazendo à tona sua realidade, condições econômicas e sociais. Ao mesmo tempo que pode ser utilizada como instrumento de alienação das massas, também funciona como modo de resistir e de libertação. Ela sempre esteve presente nos movimentos de resistência, é capaz de trazer conscientização e é uma forma de denunciar a negligência do Estado e da carência de políticas públicas, questionando o sistema.

Ademais, a periferia é um espaço de faltas e carências. “Contudo, outros discursos e práticas, outras vozes, que não alheias a essa condição periférica, mas misturadas a ela, falam de vida e da criação de novas referências e territórios existenciais.” (LACAZ, LIMA E HECKERT, 2015). Quando fazemos o caminho inverso e focamos nas conexões formadas dentro das periferias, ressignifica o lugar, e a falta se transforma em excesso.

Em vista disso, a arte que nasce nas periferias é forma não apenas de resistência, mas tem potencial insurgente, desafiando e questionando as desigualdades sociais. Os jovens

artistas de territórios periféricos foram influenciados pelas experiências nesses locais, porém também possuem a capacidade de influenciá-lo e transformá-lo.

“A ação insurgente desordena as sistematizações, embaralha as identidades, faz outros usos do espaço; intervém no ritmo dos transeuntes, nos comportamentos disciplinados dos lugares em que se apresentam. Para insurgir é preciso conhecer a cartografia oficial e a cartografia dos andarilhos, dos camelôs, dos traficantes. O artista interventor não reconhece as fronteiras das identidades, da população dividida em classes.” (ANDRÉ, 2011)

Esses movimentos de resistir e insurgir podem se relacionar com a Psicologia da Libertação, criada por Martín-Baró como reação à violência política e proposta de resistência. Nela, o autor propõe um novo modo de fazer psicologia, com a construção de um pensamento crítico frente às injustiças e desigualdades presentes na sociedade latino-americana (DOBLES, 2016). “A Psicologia da Libertação busca revelar processos psicológicos com o fim de descolonizar o povo oprimido; neste sentido, ela dirige sua práxis para problemas psicossociais gerados em formações sociais existentes no Terceiro Mundo” (FLORES, 2009, p. 30).

Considerações finais: A arte enquanto revelador da alma humana possui valor simbólico para aqueles que dela se expressam. As eras artísticas possuem traços e expressões próprias que acompanham as mudanças sociais ao mesmo tempo que rompem com os dogmas culturais.

Um exemplo é a arte urbana ou arte de rua referida aqui que expõe os males sociais, sem reservas em meio ao ostracismo, de maneira que mais sujeitos possam se relacionar e encontrar uma voz pela qual possam ser ouvidos. Pode funcionar como forma de expressar sua realidade, que muitas vezes é silenciada, modo de resistir, e para além disso, tem potencial insurgente, desafiando e provocando questionamentos frente às desigualdades sociais. Também foi observado a carência de incentivos relacionados à arte e principalmente as que rompem com a forma tradicional de se fazer arte, assim como as que nascem nas periferias.

Por fim, ao longo da produção deste artigo, foi possível notar que as pesquisas acerca do tema ainda são escassas e que faz-se necessário novas pesquisas voltadas para esta temática.

Palavras-chave: Arte Urbana; Criatividade; Juventude.

Referências:

ATLAS DA JUVENTUDE, 2022.

BRASIL, Secretaria Nacional de Juventude. **Estação juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude.** Brasília: SNJ, 2014.e

CAMPOS, Ricardo. **Arte urbana enquanto patrimônio das cidades.** In: Conferência en el Seminario Especializado del Instituto Superior de Contabilidad y Administración de Porto. 2017.

CERQUEIRA, A. P. C. de. **Política cultural e trabalho nas artes: o percurso e o lugar do Estado no campo da cultura.** *Estudos Avançados.*

COLI, Jorge. **O que é arte.** 1º Ed. Brasil: Brasiliense, 1995.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

DI MONTEIRO, Altemar. **A arte que vem das margens.** 1º ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LACAZ, Alessandra Speranza; LIMA, Silvana Mendes; HECKERT, Ana Lúcia Coelho. **Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo.** Psicologia & sociedade, 2015.

GUZZO, M; FEDERICI, C; LIBERMAN, F. **Descolonizar A Arte: Território, comunidade e esfera pública.** Moringa - Artes do Espetáculo, 2020.

HERWITZ, Daniel. **Estética (Conceitos-Chaves em filosofia).** 1ª ed. Brasil, SP: Penso, 2010.

MUNSBURG, João Alberto Steffen et al.. **Pensando a educação desde o nosso lugar: por uma metodologia decolonial.** VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021.